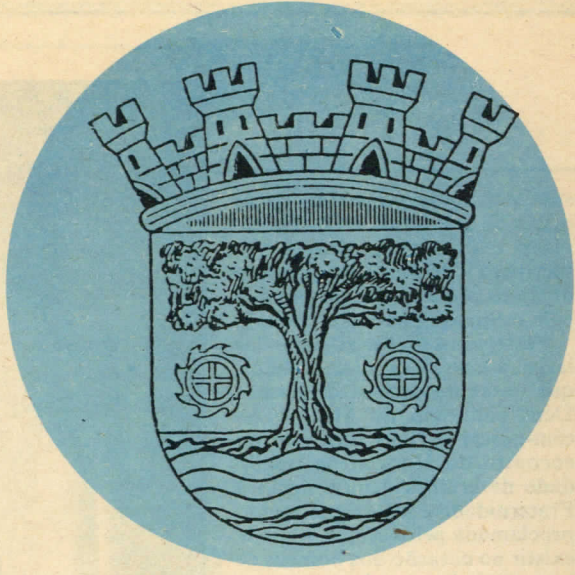


Jornal
de



15 DE DEZEMBRO DE 1982 — ANO 1 — N.º 3



PORTE PAGO

CASTANHEIRA DE PÊRA

MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE

Director: HERLÂNDER MACHADO

Director-adjunto: ANTÓNIO JOSÉ DE MATO

FREGUESIAS
E CASTANHEIRA DE PÊRA
E COENTRAL

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA



NATAL

ERA UMA VEZ UMA ESTRELA,
COMO ANTES NÃO HOUVE IGUAL:
GRANDE, BRILHANTE, AMARELA —
UMA ESTRELA SEM RIVAL!

POIS ESSA ESTRELA SURTIU
QUANDO UM MENINO NASCEU
E O SEU ROSTO REFLECTIU
TODA A BELEZA DO CÉU!

EVIERAM REIS, PASTORES,
QUE DERAM AO TAL MENINO:
OS POBRES, SINGELAS FLORES,
OS RICOS, O OURO MAIS FINO!

ELE PRÓPRIO SE TORNOU REI,
NÃO DE REINOS MAS DO MUNDO,
PREGANDO A TODOS A LEI
DO AMOR PURO E PROFUNDO!

ATÉ QUE MORREU EM GLÓRIA,
MAS O SEU FULGOR FICOU,
COMO O DA ESTRELA DA HISTÓRIA
— E NUNCA MAIS SE APAGOU ...

POEMA DE NUNO BERMUDES
ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ PÁDUA

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

É NATAL

Natal!

Em cada ano surge, no calendário, a data natalícia, que a todos nos toca de perto de uma ou de outra maneira.

Efectivamente, evocando recordações de criança, de uma meninice que o tempo vai deixando cada vez mais distante, ou aprofundando a mensagem que sempre nos traz ou, simplesmente, encarando esta quadra festiva como mais um tempo forte de transacções comerciais, a Festa do Natal sempre nos diz alguma coisa, qualquer que seja a posição em que, porventura, nos encontramos.

Por isso, se enfeitam ruas e praças, se adornam as montras com motivos natalícios e até renovam a sua arrumação para se tornarem mais atraentes. Por isso nos preocupamos com prendas, cartões de Boas-Festas, saudações aos amigos. Por isso recordamos os familiares distantes, programamos encontros e convívios, procuramos encontros em família, que, ao menos, pelo Natal, sempre se reúne. Por isso ainda, cuidamos de nos preparar espiritualmente para a sua vivência.

E porquê tudo isto? O que é verdadeiramente o Natal?

Tudo isto acontece e celebramos o Natal porque, numa gruta de Belém, há cerca de dois mil anos, nasceu um Menino que é o Conselheiro admirável, o Deus conosco, o Príncipe da Paz. Um Menino que foi cantado pelos Anjos, homenageado pelos pastores, procurado e venerado pelos Magos, perseguido por Heródes e seus esbirros.

Festejamos o Natal, como o fizeram todas as gerações de cristãos antes de nós, porque desta maneira, evocamos o nascimento desse Menino que, de tal modo se inseriu na história dos Homens, que a dividiu em duas partes, tornando-se o ponto de referência para tudo o que aconteceu antes d'Ele, como para todos os que viveram e actuaram e não-de viver e actuar depois d'Ele. Nasceu Jesus, Filho da Virgem Maria e, por que Ele nasceu, nada ficou como era antes.

Aquele Menino, o mais belo dos filhos dos homens, não é um ser somente humano mas, na perfeição da Sua natureza humana, está presente toda a plenitude da divindade. Ele é o Filho de Deus.

Naquela criança, acabada de nascer, como, mais tarde, no homem Jesus, é o Filho de Deus que vive, Se manifesta e actua. O mais belo dos filhos dos homens é a imagem de Deus invisível. Ele manifesta-nos os mistérios de Deus e revela-nos os segredos do Pai.

Festejamos o Natal porque, a um tempo Deus e Homem, o Menino em Belém revelou o homem a si mesmo, dando-nos a máxima compreensão possível do **homem como homem**, a quem rasgou os mais dilatados horizontes na ordem do ser e do agir e, ao mesmo tempo, reconciliou a humanidade com Deus, dando sempre ao Pai a resposta mais positiva que um ser humano poderia dar, num **Sim** perene e perfeito a Deus, mesmo quando o **Sim** o conduziu à Cruz.

Festejamos o Natal porque ele é a celebração do Nascimento d'Aquele que, não obstante nos desvandar os mistérios da vida e da vida nos ensinar os caminhos, nos quis também desvandar, em Si, os mistérios da morte, pela Sua Ressurreição. Calebramos o Natal porque o Senhor, injustamente sacrificado e morto, res-

suscitou ao terceiro dia, como prova de que o Pai, a Quem oferecera a Sua vida, aceitara o Seu sacrifício e de que o Pai, ao **Sim** de Jesus até à morte, respondeu com o **Sim** da Sua ressurreição.

Festejamos o Natal para dar largas à nossa alegria de cristãos, que nasce da certeza de termos Deus conosco no Menino recém-nascido, Deus que vem ao encontro do Homem na fragilidade de criança e num apelo à Fraternidade e à Paz que, sendo proclamada pelos Anjos, só pode existir no coração dos homens de boa vontade, dos homens que, sabendo-se amados por Deus, têm a coragem e a força necessárias para corresponder a esse amor.

Festejamos o Natal porque, na sua celebração, evocamos e tornamos presente, em cada ano, esse acontecimento, único e sublime na História da Humanidade, que foi o Nascimento de um Menino que é Deus — verdadeiro Deus e verdadeiro Homem — e N'Ele é Deus que nos visita com a Sua Paz, presença que nos enche de Alegria.

A.J.M.



VERDADE

Eu tenho assistido nesta quadra de Dezembro
Aos comovedores apelos de amor ao próximo,
De paz interior e compreensão na terra
E também desejo a ventura e a fraternidade
Para bem da humanidade...

Nesta quadra festiva aparecem laivos consoladores
Enternecedores

De simpatia, de cordialidade
De respeito pelos outros...

— Boas Festas! — dizem.

— Feliz Natal!

E os lábios que pronunciam tais votos
Esboçam francos sorrisos,
Denunciam de maneira bem evidente
Que em cada homem há latente
Em ardência
Um desejo de paz de consciência.

É assim... É assim...

Esquecem-se os ódios mesquinhos
(apenas por um instante)

E o Mundo cristão vive horas de serenidade
Aliciente
E tomam melhor sentido as nossas vidas
No recalque de egoismos e de ambições desmedidas.

Na verdade, o ciclo desenrola-se insistente
E eu continuo minha marcha impenitente
...Sucedem-se as mesmas datas

E repetem-se os desejos...

...Natal de 1980

...Natal de 1981

...Natal de 1982

Desaparecem os homens...

— Surgem outros homens!...

Mas permanece na Terra o Homem,

Criatura de Deus

Sempre com os mesmos defeitos e virtudes

Em perene luta pela vida

(É verdade bem sabida)

E esquece tantas vezes

(ai de nós)

Que é carne e é espírito,

Que um ser que assim é misto

Não deve esquecer o sentimento de Amor

Prêgado por Cristo.

É Natal!

A cena animou-se, ganhou humildade...

...E de olhos no Céu, avivado o fulgor vital,

Confiança renascida,

Enxutas as lágrimas das desilusões,

Vem calor aos corações!

...Por isso surpreendemos em nós,

Tal como as crianças gulosas dos brinquedos do Menino Jesus!

Uma pergunta pertinaz, rutilante e nervosa:

— Meu Deus, porque não é Natal todos os dias?

H.A.



É DE 1757

O SINO DA CAPELA VELHA

DE PÊRA

**JORNAL
DE CASTANHEIRA
DE PÊRA**

DELEGAÇÃO EM LISBOA
R. Palma, 163-1.ª Esq.
1100 - LISBOA

Mensário Regionalista
Independente

Publica-se no último dia
de cada mês

**APARTADO 13
3280 CASTANHEIRA
E PÊRA**

Director — Herlânder Machado

Director-Adjunto — António

José de Matos

Administrador — Belarmino

Henriques Correia

Chefe da Publicidade — Jorge

Pimentel Ladeira

Colaboradores:

Amadeu de Almeida Joaquim

António de Jesus Ramos

Joaquim Cardoso Duarte

José Cláudio Antunes

José Manuel Machado Fernan-

des

Zilda Candeias Varandas

Correspondentes:

Coentral — José Alves Barata

Camelo — Manuel Caetano

Pêra — Pompílio Antunes

Palheira — Adelino Marques

Sapateira — Gualter Fernandes

Vilar — Eurico Pardinha

Gestosa Cimeira — Aníbal Ta-

vares

Gestosa Fundeira — Porfírio

Alexandre

Fontão — Porfírio Cepas

Troviscal — Isaltino Conceição

Carregal — Filipe Carvalho

Moita — Rui Santos

Sarzedas — Arlindo Silva

Correspondente no Brasil:

Eduardo Coelho

Propriedade — Herlânder Alves

Machado

Composição e Impressão

Empresa do "Jornal do

Comércio"

LISBOA



AUTO S. DOMINGOS

OFICINA DE REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS
DE **ZUZARTE E SILVA**
GRANDES STOCKES

Óleos: **CASTROL** e **BP**

Baterias: **TUDOR**

Moto-Serras: **McCULLOCH**

TELEFONE 44364

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

MÓVEIS COSTA

A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO GÉNERO
DO CONCELHO E DA COMARCA

MOBIILIÁRIO MODERNO E DE ESTILO • ESTOFOS
• ALCATIFAS • TELAS • FRIGORIFICOS •
T. V. • MÁQUINAS DE LAVAR

ARMAZÉM N.º 1 - MOREDOS
SEDE E ARMAZÉM N.º 2
AVENIDA DE S. DOMINGOS
(FRONTE AO HOSPITAL)

UM GERENTE

José da Silva Costa

TELEFONE 44152 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

EDITORIAL

Paz e Amor



Desenho de Estanislau Inocêncio

Nunca se falou tanto em Paz e em Amor!

Hoje, essas palavras estão na moda, são proferidas a esmo, em inflação, aparecem escritas nas paredes, servem de pretexto para atitudes mais ou menos exibicionistas dos novos profetas, alimentam propósitos contestatários. Em nome da Paz e do Amor, é a sociedade tradicional acoimada de vil corruptora da bondade natural dos indivíduos. Renasce a teoria do «bom selvagem», de Jean Jacques Rousseau.

Ser livre, ser puro não poderá conduzir a artificios sem nexos. Falar de Paz e de Amor não deveria levar a odiar ou a praticar violências. Deve haver erro quando se confunde Paz com renúncias e ociosidades.

Paz e Amor são palavras por demais adulteradas. Torna-se, pois, necessário precisar o sentido desses vocábulos, e indispensável conseguir a prática da coerência das palavras com as atitudes de cada indivíduo. De resto, a sociedade somos nós todos. Se ela é produto dos nossos méritos e dos nossos defeitos, será o que nós formos.

Nunca se falou tanto de Paz e de Amor!... E se estes conceitos ganham novo significado na quadra do Natal — a ponto de haver como que umas tréguas nas dissidências de ontem, interrompidas hoje, para renascermos amanhã — quando se convencerão os homens a trilhar permanentemente os caminhos da Paz e do Amor, buscando o entendimento, em boa fé, sem invejas, sem intrigas, sem egoísmos?

Não basta utilizar certas palavras... é necessário praticar os conceitos que elas traduzem... é indispensável construir a «cidade nova» sem destruir o que de bom já existe no velho burgo cristão.

Natal de 1982

Herlander Machado

RESTAURANTE SNACK-BAR Chopp-Avenida

DE ANTÓNIO HENRIQUES COSTA

COZINHA REGIONAL
Especialidade: Bacalhau e Bife à "Chopp"

VINHOS DAS MELHORES MARCAS

AMBIENTE SELECCIONADO

VISITE-NOS!

(Aberto das 8 às 2 H)

Avenida de S. Domingos Telef. 44349
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

deseja
FELIZ NATAL
e ANO NOVO
VENTUROSO
a todos
os seus
clientes

Leitaria Castanheirense, Lda.

Café — Chá — Chocolate — Cerveja ao Copo

COM ESTABELECIMENTO DE:

MERCERIAS - FAZENDAS - LOUÇAS - VIDROS

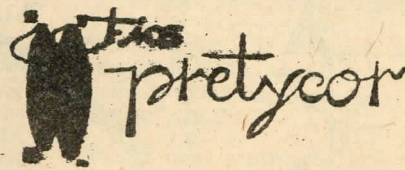
TELEFONE 44 361

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

FIANDEIRA CASTANHEIRENSE INDÚSTRIA TÊXTIL, LDA. IMPORTAÇÃO • EXPORTAÇÃO

FÁBRICA DE PENTEACÃO E FIAÇÃO DE LÃS E FIBRAS

EQUIPADA COM OS MAIS MODERNOS MAQUINISMOS



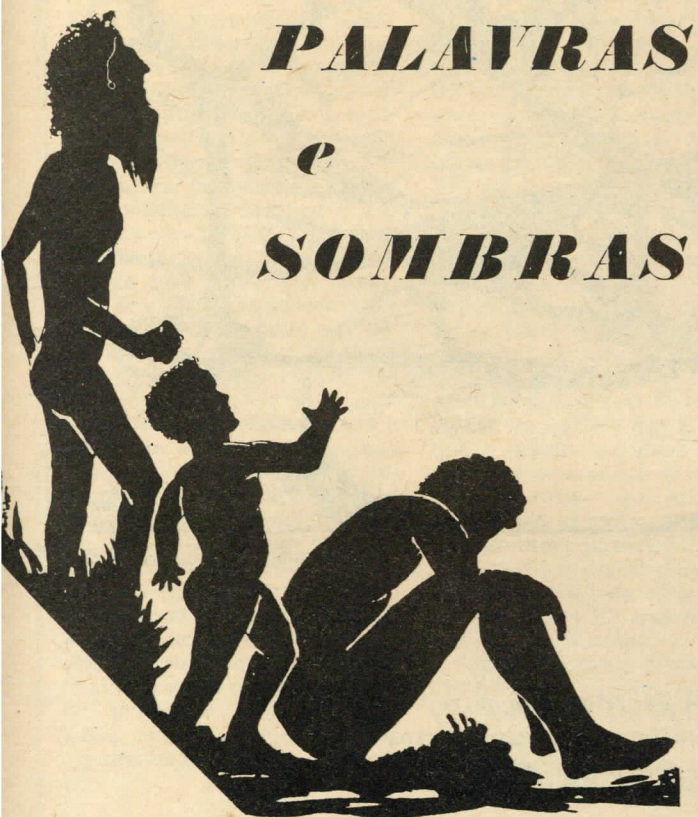
TELEFONES 44101 e 44479 • TELEX 14686 FISCAL P

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA (PORTUGAL)

TEATRO ESCOLAR

- Auto de Natal

Ilustrações
(Desenho de Estanislau Inocêncio)



PALAVRAS e SOMBRAS

HERLÂNDER MACHADO

Só quem não saiba sentir
Deixará de querer ouvir
Um tão suave cantar.
— Que pena!

Esquecer doutrinas de séculos
Esquecer palavras de Amor
Haver almas por abrir
Haver lábios sem sorrir...
— Que pena!

Elevem-se os sentimentos.

Meu Deus!
Senhor meu!
Ergo os olhos para o Céu
E então, sim...
...Já sou eu.

(Imobiliza-se, enquanto os sinos ganham maior altura)
Também em contra-luz, passos e gestos lentos, entra um rapaz

RAPAZ (veemente):

Entendi a voz dos sinos...
Entendi um tal cantar...

(angustiado)

Pobre humanidade!
Como se esquece afinal
— E cai na prática do mal

Vejam-na...
Ei-la cega para aluz!
Ei-la surda p'ra verdade!

(enternecido)

Quem morreu p'ra nos salvar
E bem soube perdoar
Foi Redentor.

(Abre-se a cortina do fundo. Num plano mais alto, estão as figuras de Maria e de Jesus no berço. Em plano mais baixo, S. José, os Reis Magos e os pastores fazem adoração. Uma luz vermelha, suave, ilumina o presépio sem o definir completamente).

Pastores no campo
Ouvem a voz
Que vem do céu
— Vede o Menino,
Nasceu agora
Na mangedoura
Envolto em panos
E o quadro simples,
Simple e belo
(Tão singelo!)
Surge aos pastores
Extasiados.

RAPAZ:

Naquela tão pobre choupana
Fria,
Suja,
Sem um conforto,
Na solidão,
Aconteceu esse Poema
Que é lição de humildade
E de verdade
— Eis a riqueza mais portentosa
Da longa história
Desta pobre humanidade.

Sim... Aconteceu...
Nessa tão pobre choupana
Fria...
Suja...
Sem um conforto.
Entre um bafo de animais
E vagidos
Ali nasceu a luz
Ali nasceu Jesus.

1.ª MULHER:

Nas lonjuras do Oriente
Uma estrela encaminhou
Os reis magos
Que assim vieram também
Ao presépio de Belém
Para fazer adoração
E levar o coração
— Que a luz fagueira na noite
Rompiu as trevas das almas.

2.ª MULHER:

E o fulgor de nova esperança
Tem magia de mensagem.
Dá conforto,
Traz ventura,
É promessa de triunfo apetecido,
Bem merecido,
Da bondade.

Eis os pastores
(gente humilde)
Comovidos, como os magos.
— A lição que o quadro encerra
Lança o orgulho por terra.

RAPAZ:

Mas não cessa o mal no mundo
Apesar daquela hora,
Restam trevas na aurora,
Há quem não saiba sentir.
E Herodes quer descobrir
A pobre choupana distante
Impiedoso, vil, demente
Quer o mesmo Céu vencer
E descobrir o Menino
Que acabara de nascer.

2.ª MULHER:

E Herodes, malsinado, quer achar
O Menino que sorria nas palhinhas
E por isso, rancoroso, vai matar
Tantas, tantas pobres criancinhas.
Há tristeza,
Há lamentos,
Magoado pranto
Pela morte desses entes
Inocentes.

RAPAZ:

E Belém vai conhecer.
Com pavor,
As profecias
De Jeremias.
E a pobre gente
Mal ferida
Por essas almas sombrias
Vive do terror o efeito
Chorando
Silente,
Já sem lágrimas,
Só,
Sem ternura
Nem Amor.

arrilhões.
revas.
obre as cortinas negras vêm incidir projectores laterais.
m contra-luz, surge um vulto elegante, de mulher.
ão se lhe descobrem as feições.
oda a sua figura se recorta na negrura da cena.
aminha com lentidão.
s seus gestos, lentos, suspendem-se em cada pausa da música.

1.ª MULHER

Oiçam!...
E a voz suave dos sinos...
Voz que se eleva até aos céus,
Em cantochão.
Oiçam!...
Vai o som pelas quebradas
Dessas montanhas esfumadas
Na distância...

Oiçam... o clamor...
Oiçam... oiçam por favor
Que essa voz fala do amor
Que vem do Além.

Pobre humanidade!
Esquecida da verdade,
Arredia do caminho assinalado
Pela Luz...
E pela Cruz!

curto silêncio)

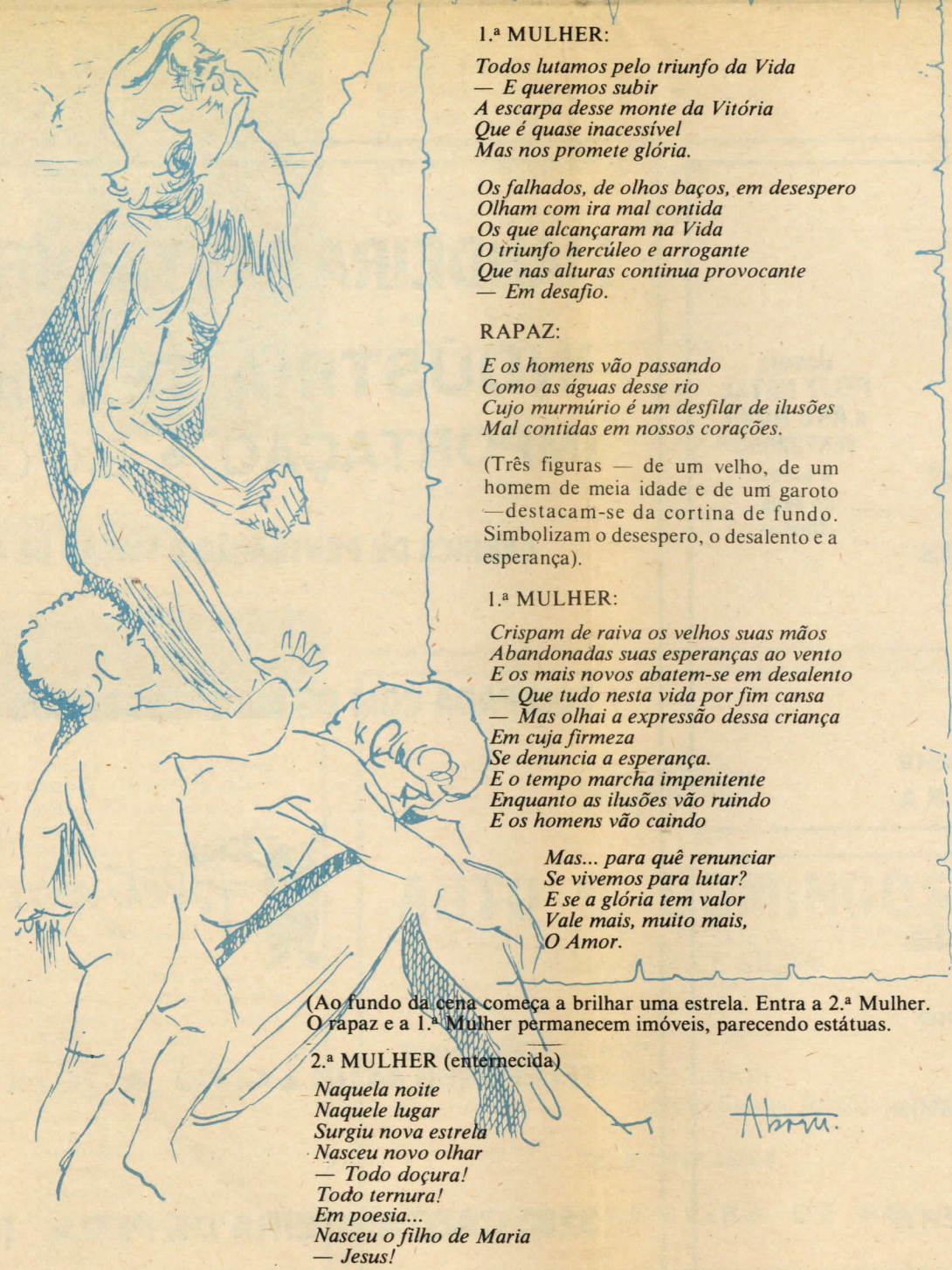
Pobre humanidade!
Cega pela ambição,
Aferrada à vil paixão,
Consumida de tristeza,
Vencida...
Esquecida!

Caída no desespero
E nas trevas,
Va avidez dos sentidos
E em queixumes doloridos
Vejo descrença,
Turbilhão de apocalipse
Confusão de sentimentos
E lamentos.

De novo os sinos se fazem ouvir)

Oiçam!...
Oiçam a voz dos sinos
badalar sem ter parança)
Voz que é chamamento
À esperança.
Oiçam...
Esta voz que é melodia
— Luz na noite!
— Luz no dia!
Toca as almas
Vai ao Céu.

Recrude)



(Ao fundo da cena começa a brilhar uma estrela. Entra a 2.ª Mulher. O rapaz e a 1.ª Mulher permanecem imóveis, parecendo estátuas.)

2.ª MULHER (enternecida)

Naquela noite
Naquele lugar
Surgiu nova estrela
Nasceu novo olhar
— Todo doçura!
Todo ternura!
Em poesia...
Nasceu o filho de Maria
— Jesus!

Abriu.

1.ª MULHER:

Mas em cada peito permanecia
A chama de uma esperança.
Confiança...
— Jesus vivia!
E depois da fuga para o Egipto
— Voltaria.

A imagem do Presépio
Vence as dores
E dela irão falar
Em cada dia
Os pastores.
Morre Herodes,
Rei de triste evocação,
Homem de vil coração,
Que não se apercebeu da luz
Que nascera com Jesus.

1.ª MULHER:

Deixando terras do Nilo
Levanta-se então José
Terá de ir p'ra Nazaré,
Pensando em Jerusalém,
Com o menino e sua Mãe.

RAPAZ:

E Jesus na Galileia,
Ensinará o caminho
Do amor e do carinho...
Com verdade
E humildade
Fará sua pregação
— Para a nossa salvação.

1.ª MULHER:

Não quer no mundo a maldade
Fala em fraternidade.
— Suas palavras são luz
Que do céu desce ao terreno
P'la boca do Nazareno.

RAPAZ:

Ai de nós!
Há quem esqueça aquela Voz.

2.ª MULHER:

Sim, há no mundo mesquizez,
Causa de cegueira
E de surdez
Para a sublime expressão
Das palavras salvadoras,
Que são guias
A seguir em nossos dias,
Com Amor.

1.ª MULHER:

E o vilipêndio vem de Judas
— o traidor!
Que retribui em contrário
Levando Jesus ao calvário

— Pobre Humanidade!...
Que esquece o ensinamento
Das verdades de Jesus,
A lição desse presépio,
O sentido dessa Cruz.

2.ª MULHER:

Fica na terra a doutrina
Da humildade e temperança
E no peito resta a esperança
Do Amor,
Fogarêu imenso, bendito, crítico,
Caminho traçado
Em apostolado
De Jesus. Nosso Senhor.

RAPAZ:

E a lição de maravilha
Sublime,
Sem igual,
Começou nessa noite de Natal.

2.ª MULHER:

Jesus de Nazaré!
Invoco este nome
E fico com fé.

(Ouvem-se de novo os sinos, crescendo)

1.ª MULHER (suplicante):

Oçam!...
E a voz suave dos sinos
Voz que se eleva até aos Céus
Em cantochão.
Oçam!...
Vai o som pelas quebradas
Dessas montanhas esfumadas
Na distância.

Oçam... o clamor
Oçam... Oçam por favor
Que essa voz fala do Amor
Que vem do Além.

(Elava-se o som dos sinos)

Oçam... Oçam a voz dos sinos
(Badalar sem ter parança)
Voz dos céus que é chamamento
À Esperança.

(Ajoelham o rapaz e a 2.ª Mulher)

Nasceu Jesus!
Glória a Deus,
Nosso Senhor...
Voltemos os olhos para o Céu
Escutemos dos sinos, a voz
E então, sim...
...Somos nós!

Os sinos recrudescem e uma luz forte bate toda a cena iluminando o presépio que pela primeira vez deixa de estar em contra-luz. A 1.ª mulher também se ajoelha. E cai o pano).

Herlander Alves Machado

PALAVRAS

SOMBRA



folhetim ► FACTOS E CONTOS DA TRADIÇÃO ORAL DA SERRA DA LOUSÃ

OS NEVEIROS

HERLÂNDER MACHADO

3 — A DEVOÇÃO DO NEVEIRO

O negócio corria-lhe bem. Os últimos nevões tinham atingido proporções extraordinárias. E a gente dos Poborais e do Coentral já acorrera prontamente ao alto da serra. Nada se perderia.

O contratador da neve entrou a deitar contas à vida.

Poderia, nesse ano, fornecer abundantemente a Casa Real e, ainda, fechar negócio com o Botequim do Terreiro do Paço.

Já visionava o neveiro os efeitos da negociata que, em princípio, tinha contratado em Lisboa com o proprietário da "Casa da Neve" das arcadas do Paço Real.

Nesse ano, poderia encher rapidamente o reservatório que, para o efeito, tinha sido construído na Travessa da Parreirinha, lá para os lados do Teatro de S. Carlos, com o fim de ali vir a ser armazenada a neve que aquele botequim venderia.

Entretanto, na amplitude do planalto de Santo António da Neve, já se afadigavam os rapazes e o mulhério na recolha da neve.

O local estava sendo agrestemente batido pela nortada. O frio era cortante. Mas todos aqueles corpos suavam, pelo labor animoso.

No fundo dos poços, as botarras espapaçadas, a roupa colada ao corpo, alguns dos homens mais possantes iam puxando pelas forças, erguendo, com genica e frenesi, os pesados maços de madeira, para, de seguida, os des-

carregarem violentamente sobre o amontoado de neve que se estendia a seus pés. De encontro aos grossos paredões circulares desses reservatórios da neve, ecoavam as vozes, as interjeições, os cânticos do esforço e labor e o ruído das pancadas ritmadas dos avantajados maços.

Acamada, quase prensada pelos sucessivos batimentos, a neve ia ficando empedernida, para assim se conservar até ao Verão.

Cesta a cesta, a neve e o gelo formado nas "alagoas" iam sendo transportados até ao patim da estreita porta dos poços, onde dois homens retiravam a preciosa carga da cabeça das mulheres e do rapazio, para, de um jacto, a lançarem lá para a fundura do reservatório coberto.

— Ai vai mais uma!...

— Lá vai outra!...

E os "calceteiros", lá em baixo, afastavam-se para junto do paredão, oferecendo espaço para a queda livre dos blocos da neve. Depois, recomeçavam os vigorosos batimentos dos maços.

A "fábrica da neve" estava em plena laboração. Mas ainda faltava gente. Vinham muitos a caminho.

E o neveiro Julião Pereira de Castro ia orientando todas as fases da campanha, experimentando uma crescente euforia.

Sentia-se um homem importante, respeitado por toda aquela gente simples, a quem dava uns

cobres a ganhar. E, em verdade, quase não havia uma família, no Coentral, que não tivesse um dos seus membros assalariado, contratado à jorna, na época própria, pelo neveiro da Casa Real.

Após cada nevão, num acordo tácito, todos compareciam junto aos poços da neve, para os trabalhos urgentes de mais uma campanha, ardentemente desejada.

Iam animosos, em alegria ruidosa, escalando a serra, pelo tortuoso carreiro de Santo António, o frio a gretar-lhes os beiços, as mãos "engadanhadas".

— Ah, se o tempo ajudasse e houvesse este ano mais uns nevões... sempre se ganhavam mais uns cobres...

— Eu tenho rezado a Nossa Senhora da Nazaré... Tenho fé que há-de vir muita neve.

— Ah, se não nevasse... ficávamos para aí sem um "chavo"...

Cansada pela subida penosa, uma mulher parou numa das curvas mais acentuadas daquele caminho quase em espiral.

— Que estopada! — desabafou, de si para si. — Parece que me saem os bofes pela boca!... Isto é um "monte de trabalhos".

— Ai que rico solinho! — gritou uma moçoila, as faces vermelhas, o corpo roliço, ao sentir regalo ante a quentura de umas résteas de sol que, espreitando por entre núvens carregadas, tinham aparecidos a envolver o grupo que ia escalando esforçadamente a encosta.



E era sempre assim!

Quando nevava, animava-se aquele lado da serra, surgindo movimento, renascendo o entusiasmo da sua pobre gente. Os dos Poborais cedo davam aviso.

Depois, lá no alto, desenvolvia-se o trabalho, sem mesmo ser necessária a presença do contratador da neve. Mas, açodado, na ânsia de tudo ver e de bem avaliar a extensão dos efeitos do tão desejado nevão, ele não tardava a aparecer, montado no seu cavalo elegante e luzidio.

— Sempre é melhor lançar uma olhadela! — pensava o patrão.

Depois, considerando-se bem avisado, ia acorrendo aqui e ali, no evidente propósito de dar ordem ao trabalho.

— Primeiro, enche-se o poço lá de baixo! — vociferou para um grupo de mulheres que carregavam cestas à cabeça.

Já apeado, amarrado o cavalo, quase simbolicamente, a uma

pequena carvalha, que mal começara ainda a ganhar porte, atirado, de pronto, um bom fardo de palha para a frente do focinho do animal resfolegante que, muito irrequieto, se entregava a sucessivos bufidos, seguiu Julião Pereira de Castro em direcção ao "poço do vento".

Este é uma construção exteriormente octogonal e situa-se na quota mais elevada do recinto, devendo certamente a sua designação popular ao facto de se encontrar a um nível mais ventoso.

— Este ano — ia cogitando o neveiro — começarei mais cedo o transporte da neve para Lisboa. Lá para Abril, farei partir daqui os primeiros carros de bois. Assim, com o tempo ainda fresco, perde-se menos neve por esses caminhos fora... E o poço da Parreirinha, lá em Lisboa, poderá ficar

atestado ainda antes dos dias quentes...

E Julião Pereira de Castro animava-se, enquanto observava o corropio das cestas com neve Gozava a boa perspectiva de poder evitar agora — graças ao reservatório do botequim do Terreiro do Paço — que muita neve se derretesse pelo caminho por fazer o transporte total durante tempo quente.

Bem se lembrava o neveiro de que, em anos anteriores, acontecia que, dos três grandes blocos de neve transportados por cada carro de bois, só chegara ao destino, em múltiplas vezes, uma diminuta porção de neve, com irrisório peso de três arráteis, isto é, com cerca de um quilo e meio.

— Se tudo correr bem — ia pensando o neveiro — ofereço um crucifixo em marfim à capela que aqui mandei fazer, em plena serra, em honra de Santo António.

(continua na pág. 1)

Pinto & Brás, Lda.

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS

Máquinas para Terraplanagens

Fornecedores de Materiais de Construção

Telef. 9 2452

BARRACÃO — LEIRIA

Francisco António Lopes Ribeiro

Eng.º Técnico Civil (I.S.E.C.)

EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS



Largo Camilo Castelo Branco, 13-1.º

Telef. 2 2977

2400 LEIRIA

Virgílio Henriques David

TALHO

Carne de:

VACA

PORCO

CARNEIRO

CABRITO

CHIBATO

CASTANHEIRA DE PÊRA

Salsicharia Castanheirense

DE

JOÃO FELICIANO DINIS DA SILVA

VACA

CARNEIRO

CABRITO

CHIBATO

PORCO

E ENCHIDO

TELEFS. 441 96 (Salsicharia) 444 27 (Residência)
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

LANCES-CASAMENTOS-BAPTIZADOS
ADEGA REGIONAL

RESTAURANTE SOLAR

DE

Artur de Jesus Duarte

Telef. 4 24 28 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

AUTOMÓVEIS

Deseja comprar, vender ou trocar o seu Automóvel ou Forqunete a gasolina ou a gasoil?

CONSULTE

AUTO PONTE DE ARROIOS, LDA.

DE MANUEL TOMAZ & FILHOS

Rua de Arroios, 152-A
Telefones 401 85 e 538034

1100 LISBOA

ADÉRITO A. TAVARES DOS SANTOS

COM ESTABELECIMENTO DE: FERRAGENS
FERRAMENTAS
TINTAS
VERNIZES
ELECTRODOMÉSTICOS
TELEFONE 44439
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

MANUEL PEDROSO SIMÕES

INDUSTIAL DE ALFAIATARIA

E

MEDIADOR DE SEGUROS DAS COMPANHIAS

BONANÇA, EP

SUN-INSURANCE OFFICE, LTD.

TELEFONE 44498

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

A DEVOÇÃO DO NEVEIRO

(continuação da pág. 5)

E vou oferecer também à Paroquial um altar de talha e doado a Nossa Senhora das Dores... E talvez ainda venha a oferecer um lustre de cristal... Preparado, quase comovido, João Pereira de Castro ia muito carinhosamente a fachada da capela de Santo António da Neve, depois, os seus olhos fitados no céu, onde corriam núvens teladas. E continuou entregue aos seus pensamentos, propenso à generosidade devota — se viesse a correr como estava correndo...

Quando chegou ao lenço ao pescoço, ajustou, de seguida, as mangas do capote, e retirou da caixa o largo chapéu, ao mesmo tempo que atirava, mais uma vez, o olhar, de confiança e de fé, para a capela de Santo António, onde ainda havia os dos andaimes da recente construção. Depois, de seguida, os raios dos olhos brancos para, após curtos instantes, os fazer desaparecerem sob o largo chapéu preto. Nesse momento, atezozava o espectáculo da vinda das carroças e bois, com o seu pessoal — os

“carreiros” — para o início do transporte dos grandes blocos da neve.

Em breve viria o tempo em que a neve seria cortada a escopro para, aos blocos, constituir a carga que, coberta com palha, seguiria para Miranda do Corvo.

As estafetas, lá se faria, como de costume, a primeira muda, competindo aos “carreiros” de Miranda do Corvo a prossecução da viagem terrestre, que só viria a terminar na Barquinha ou em Constança.

Interrompendo os seus pensamentos, concluiu o neveiro que iria ter um bom ano.

E, ante a lembrança do labor dos “carreiros”, ficou-se, por ali, a sorrir, sozinho...

Era devoto o neveiro. À Igreja do Coentral — segundo se diz construída em 1694, como capela, e elevada à categoria de igreja em 1724 — ofereceu Julião Pereira de Castro um pátio, uma cruz paroquial, de prata, e um belo altar, em talha, dedicado a Nossa Senhora das Dores (dávias ainda hoje existentes) e, ainda, um precioso lustre que vi-

ria a ser roubado, em 1810, durante as invasões francesas.

— Mas o que dei — dizia o neveiro — não é nada, comparado com a oferta que tenciono fazer se for escolhido para Juiz da Igreja...

Os do Coentral, porém, apesar do respeito que lhe guardavam, não quiseram satisfazer esse desejo do neveiro, pois, segundo se diz, não queriam designar, para tão honroso cargo, um homem de fora, um “achadiço”...

— Que raio!... “Atão” a gente não há-de ter um homem cá da terra para ser um bom juiz da Igreja e para cumprir, a contento de todos, na Junta da Paróquia?

Seja como for, parece que Julião Pereira de Castro, apesar de radicado no Coentral durante largos anos, jamais viu ambiente propício à satisfação dessa sua aspiração.

— “Hom’essa”... Havemos de adar o lugar a um “achadiço”?... Nesta terra já não há homens bons?... É precisa a gente de fora?... É verdade que nada temos contra o homem da neve mas... primeiro está a gente nada e criada cá na terra... Para nós ele é e será sempre um “achadiço”...

Ainda assim, as dádivas generosas do contratador da neve vieram enriquecer o património artístico da igreja do Coentral.

E também se lhe ficou devendo a construção da graciosa capela de Santo António da Neve, que mandou fazer em 1786.

De geração para geração, tem-se dito no Coentral que Julião Pereira de Castro tinha especialmente uma grande fé em Santo António. E, na singeleza e ingenuidade popular, conta-se que a protecção que o neveiro recebia do taumaturgo era por ele dita quase como certa, quase como um direito que lhe assistia. Por isso se refere um episódio, um tanto pueril, que não resistimos à tentação de aqui reproduzir.

Já referimos que o neveiro costumava deslocar-se a cavalo para o Cabeço do Pereiro para acompanhar os trabalhos da recolha e preservação da neve. E, num desses dias de invernia, aconteceu...

Mal amarrado ao tronco da pequena carvalha, espantou-se o cavalo de Julião Pereira de Castro e, aos coices, numa fúria, acabou por fugir, afastando-se rapidamente do planalto, sem que nin-

guém conseguisse deitar-lhe a mão às rédeas.

Coisas do demo!... Sempre a escoicinhar, o animal fogoso, foi-se deslocando em direcção ao monte fronteiro, só se quedando ao longe, mesmo no cume da serra, lá no Trevim, onde, afinal, ficou à vista de todos quantos, ainda surpresos, tinham ficado a contemplá-lo à distância, postados aos grupos, junto aos poços da neve.

A silhueta do cavalo recortava-se, lá no alto, na contra-luz das núvens cinzentas. O fugitivo parecia gozar a liberdade, pastando já em acalmia, atirando a pescocera em procura de ervas, ensaiando, agora, muito lentamente, alguns passos.

Então, Julião Pereira de Castro teria dito, com ar muito seguro, se não imperativo, com o pensamento em Santo António, por forma que pôde ser ouvida por quantos estavam às suas ordens na “fábrica da neve” do Cabeço do Pereiro:

— António, quero aqui o meu cavalo!

E logo repetiu, ainda mais categórico:

— António, quero aqui o meu cavalo!

Pouco depois, como que obe-

decendo a um invisível cavaleiro, o animal fugitivo iniciou a marcha de regresso ao planalto de Santo António da Neve, num ritmado trote, elegante, vindo a parar, dócil e submisso, junto ao dono, que de pronto lhe agarrou as rédeas.

*

Os mais velhos habitantes do Coentral lembram-se de ouvir contar esta história tão ingénua aos seus avós e bisavós.

Nós registamo-la aqui, juntamente com outras — porventura mais verosímeis — para que todas elas possam vir a ser conhecidas também pelos nossos netos.

Guardamos essa esperança, pois, nos tempos hodiernos, as lendas e os singulares contos da tradição oral já não podem beneficiar dos amenos serões familiares, à lareira, para continuarem a ser transmitidos de geração para geração.

Deixar que fiquem perdidos nas trevas do esquecimento os contos e as lendas do tradicionalismo verbal do gentio serrano é contribuir para um lastimável empobrecimento da cultura dos povos.



O RANCHO FOLCLÓRICO

NEVEIROS DO COENTRAL

do Concelho de Castanheira de Pêra
vai actuar no Concelho de Torres Vedras

Como freguesia rural piloto, FREIRIA,
no Concelho de Torres Vedras
recebe em 18 de Dezembro
O SENHOR MINISTRO DA CULTURA.

A recepção, organizada pela Junta de Freguesia da
Freiria e pelo Freiria Sport Clube realiza-se nas
modelares instalações desta agremiação desportiva
Está programada a actuação dos NEVEIROS DO
COENTRAL, durante uma hora.

**A UNS OLHOS
SERRANOS**

*Sonho, Poesia, Quimera
Ilusão da Puerícia
Negro olhar na Primavera
Sentindo vida em carícia*

*Fanal sulcando a negrura
Brilho, ardência, simpatia
Luminária de ternura
Teu olhar é Noite e Dia!*

ERALMA



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

DEPÓSITOS À ORDEM:

(Contas Individuais: Simples ou Conjuntas)

Saldos até 150 000\$00 4%
No excedente 2%

DEPÓSITOS A PRAZO:

De 30 até 90 dias 11%
De 91 até 180 dias 15%
De 181 até 365 dias 21,5%
De 366 até 730 dias 23%

(Quantias com limite mínimo de 5000\$00)

CRÉDITO

Sector Público
Predial
Industrial
Agrícola

**AGÊNCIA FUNERÁRIA
CHITAS**

DE
Aurora da Silva Tomás
(CHITAS)

TELEF. 44467 SARZEDAS DO VASCO
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

VENDE-SE

Um edifício constituído de r/c e 1.º andar,
com logradouros, situado ao Outeiro, nesta
Vila.

Resposta a este Jornal

Atelier

VOLTA DA ESTRADA

(Frente ao Posto de Gasolina SHELL)

CASTANHEIRA DE PÊRA



Residência
Av.ª S. Silvestre
Telefone 99405
LOUSÃ

REPORTAGENS DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS, etc.
com apresentação de provas a cores horas depois
REVELAMOS OS SEUS ROLOS A CORES EM 24 HORAS

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER
PRAÇA VISCONDE DE CASTANHEIRA DE PÊRA

PROPRIETÁRIOS	TELEFONES
ANTÓNIO REDONDO DA COSTA	Praça — 44358 Res. — 44358-E
ANTÓNIO DA SILVA CAETANO	Praça — 44241 Res. —
ISALTINO DA CONCEIÇÃO	Praça — 44492 Res. — 44371
JOSÉ ALVES HENRIQUES EIRAS	Praça — 44241 Res. —
JOSÉ DAS NEVES BERNARDO	Praça — 44241 Res. —
MANUEL ALMEIDA NEVES	Praça — 44154 Res. — 44333
MANUEL SIMÕES	Praça — 44154 Res. — 44323

SERVIÇO PERMANENTE PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

**JORNAL
de
CASTANHEIRA
de
PÊRA**

*agradece ao
Atelier*

VOLTA DA ESTRADA

*a amável
cedência
de
fotografias*

Avançamos no tempo consigo.

Trabalhamos há muitos anos.
E, ano após ano, modernizamos
a nossa técnica, sofisticamos os nossos
métodos de trabalho a fim de lhe proporcionar,
dia após dia, melhor apoio e melhor serviço.

Isto, porque desejamos
sinceramente que a sua e a nossa
prosperidade avancem de mãos dadas
na estrada do Futuro.

BOAS FESTAS!

BNU
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
Da experiência para o futuro

A DATA do NATAL

HERLÂNDER MACHADO

Ilustração de João de Abreu

"Tendo pois nascido Jesus em Belém de Judá, em tempo do rei Herodes, eis que vieram do Oriente uns magos a Jerusalém."

(S. Mateus — 2-1)

É Natal. O dia da família conuvará a ser observado universalmente. É uma data que lembra os homens a necessidade de proximidade e de paz. Paz na terra! Luz nos espíritos! Nasceu Jesus...

Nasceu Jesus!... O simbolismo desta data toca corações, fala-nos à alma, e este dia o homem ama mais o semelhante. Amai-vos uns aos outros — é a máxima entendedor...

Não importa grandemente que Jesus nascesse a 25 de Dezembro ou outro dia. Basta saber que o "Cristo" nasceu para salvação dos homens, para semear a Fé, para aliviar os corações que sofrem.

E Jesus nasceu para morrer na cruz, deixando, no entanto, em sua vida uma centelha de esperança. Que o seu reino não era deste mundo...

"...importava que o Filho do homem padecesse muito, e que fosse rejeitado pelos anciãos e pelos príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse entregue à morte, e que ressuscitasse depois de três dias."

(S. Marcos — 8-31)

Nasceu Jesus!... Não se conhece rigorosamente a data do nascimento do Filho do Senhor.

Nas igrejas do Oriente o Natal é celebrado em 6 de Janeiro, na festa das Epifanias — aparições do Senhor. Mas em Roma o nascimento de Jesus era celebrado a 25 de Dezembro, como actualidade.

É certo, porém, que nos Evangelhos não se encontram elementos precisos que permitam a localização do nascimento de Jesus ao tempo.

Tem-se explicado que o simbolismo dos números exigiria que Jesus tivesse vivido um número completo de anos e, assim, sendo

a data da sua morte em 25 de Março, teria sido também a 25 de Março a encarnação de Jesus.

Ora, o tempo que vai de 25 de Março a 25 de Dezembro é exactamente o período de gestação e, deste modo, Jesus teria nascido nesta última data.

"E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória como de Filho unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade."

(S. João — 1-14)

É sabido que anteriormente ao advento do Cristianismo se celebrava em Roma, em 25 de Dezembro, o "NATAL SOLIS INVICTI", sendo pois normal que se substituisse a festa pagã de culto do Sol, pela comemoração do nascimento de Cristo. De resto, é também conhecida a tendência inicial de certos membros do clero para ver em Jesus "a verdadeira luz do Mundo, o verdadeiro Sol".

O culto do Sol harmonizar-se-ia, pois, com o culto cristão.

Recordemos o pensamento de Dionísio Areopagita, primeiro bispo de Atenas, convertido por S. Paulo: Deus é o criador do mundo mas é-lhe transcendente, tal como o Sol, que distribui os raios da sua luz embora permanecendo distinto dela.

Também Santo Agostinho escreveu nas suas enternecedoras "Confissões", dirigindo-se a Deus: "Em Vós jorra a fonte da vida e na vossa LUZ veremos a luz." E ainda na mesma obra pode ler-se: "Deus é a Luz verdadeira que ilumina todo o homem vindo a este mundo." E também: "Fomos outrora trevas; agora, porém, somos luz no Senhor."

Não faltam textos da Patrística onde se faz alusão ao "Cristo" considerando-o a Luz que ilumina a Terra. É, pois, aceitável a adopção da data pagã para a cerimónia católica.

Os autores que defendem esta teoria explicativa da escolha do dia 25 de Dezembro para a comemoração, entre os Romanos, do nascimento de Jesus, crêem, assim, que a data eleita por Roma teria sido aceite por todo o

Ocidente e, posteriormente, pelo Oriente cristão.

De tudo o que deixámos escrito, fica-nos patente que não há, no entanto, uma certeza histórica acerca do dia do nascimento do "Salvador".

Não se conhece a data histórica, mas os pastores de Belém ouviram a voz que anunciava a boa nova:

"E é que hoje vos nasceu, na cidade de David o Salvador, que é o Cristo Senhor."

(S. Lucas — 2-11)

Nasceu Jesus!... Aproximem-se os homens. O mundo carece do amor e da moral cristã. É NATAL! Relembremos as palavras do "Cristo":

"Como meu Pai me amou, assim vos amei eu. Permanecei no meu amor."

"Se guardardes os meus preceitos, permaneceréis no meu amor, assim como também eu guardei os preceitos de meu Pai, e permaneço no seu amor."

(S. João — 15-9 e 10)

Nesta época de materialismo é bom que se atente nas máximas cristãs e que cada homem veja no seu semelhante um irmão de quem deve estimar. Os ódios levam à destruição. O amor conduz à sublimação dessa palavra de profundo significado moral — Fraternidade.

E que bom seria se os homens atentassem melhor na moral de Cristo, de modo a levar de vencida os solipsismos, as jactanciosas presunções e a incompreensão sistemática. Seria um passo para a dignificação do homem.

Mas... o sermão é velho de séculos e o Mundo continua inquieto, vivendo em menosprezo pelos valores espirituais.

Neste reino de trevas, a moral de Jesus dá-nos reconforto balsâmico.

*"Fiat lux!... É Natal!
"Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens, a quem ele quer bem"* — disse S. Lucas (2-14).

Glória a Deus! Nasceu Jesus... A Fé domina os corações puros... E são felizes os que crêem!...



Desenho de João Abreu

NÚMERO Especial do JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA 1982 NATAL



NATAL

É Natal tal e qual como no ano passado e naquele em que o menino nasceu há quase dois mil anos.

Porquê este mistério?

Nem guerras, nem pecados, nem ódios, nem terrores, cataclismos, pandemias em que o mundo parece desabar e findar

impedem que na noite de Natal renasça em toda a parte envolto em alegria, amor e paz Jesus Nosso Senhor

Porquê este mistério?

MANUEL NOGUEIRA DA COSTA

Pois concerteza que é outra vez Natal. Se em tudo o sinto à minha volta. No calendário da porta do armário e no frio tão pungente do lá fora. Sobretudo no silêncio que oíço, me envolve e torna mais espessa, hoje, a minha solidão. Daqui a pouco irei acender velas na árvores que nem tenho e olhar o menino do presépio que, ignoro porquê, não consigo encontrar. Então eu, só, uivarei os cânticos p'ra depois ir, de missal, à missa do Galo ver os fantasmas dos que foram em outras noites de Natal.